

**ENTRE DIÁLOGOS E LETRAMENTOS:  
APLICAÇÃO DE SEQUÊNCIAS BÁSICAS  
EM TURMAS DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO**

*Maria Betânia Almeida Pereira* (UERJ)

*Ana Carolina Nemer Guimarães* (UERJ)

**RESUMO**

O estudo faz parte de uma das etapas do projeto de iniciação à docência, “O ensino do texto literário e suas inter-relações com outras linguagens”, realizado na Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Os objetivos da escrita do artigo são: discorrer sobre o desenvolvimento de sequências básicas, aplicadas em turmas do Ensino Fundamental e Ensino Médio e abordar a importância dos estudos de letramentos e suas implicações no processo de ensino-aprendizagem. Esperamos que o trabalho contribua para o debate do ensino do texto literário nas escolas de educação básica, ampliando as propostas de atividades que agreguem cada vez mais a participação do discente, com vistas à formação de espaços formativos de criticidade, protagonismos e subjetividades.

**Palavras-chave:** Letramentos. Gêneros textuais. Ensino. Texto literário.

***1. Introdução***

As discussões tecidas neste artigo são desdobramentos de algumas etapas do projeto de iniciação à docência, “O ensino do texto literário e suas inter-relações com outras linguagens”, aprovado pelo programa CETREINA, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e realizado na Faculdade de Formação de Professores, *campus* São Gonçalo. Uma das bases norteadoras da pesquisa consiste no diálogo entre a universidade e as escolas públicas, visando o intercâmbio dos licenci-

andos em letras com o contexto educacional das escolas. Nesse espaço das escolas públicas de educação básica, os graduandos são convocados a aliar o cabedal teórico que vêm construindo, ao longo do curso, à prática de sala de aula; elaborar materiais didáticos, no intuito de utilizá-los e refletir sobre os seus usos. Assim, ao longo deste trabalho, procuramos discutir o percurso trilhado desde a pesquisa até a execução das oficinas, objetivamos, com a escrita, relatar o desenvolvimento de sequências básicas em algumas turmas do ensino básico. Para tanto, seguimos a fundamentação teórica de Cosson (2006), Soares (2006), Bakhtin (2003), Bunzen; Mendonça (2006) e Rojo (2012), dentre outros.

Como critério de organização, dividimos o texto em três seções. Na primeira, abordaremos os aportes teóricos que fundamentaram a base deste trabalho. Na segunda seção, discutiremos o trajeto percorrido para se chegar ao tema das oficinas, destacando o modelo de Rildo Cosson (2006): a sequência básica, selecionada como a mais adequada a ser aplicada nas turmas. E, por fim, a terceira parte da pesquisa põe em relevo as leituras feitas pelos alunos, sinalizadas por suas produções textuais.

## **2. *Breve abordagem sobre letramentos e suas implicações no ensino***

Magda Soares (2006), em seu livro *Letramento: Um Tema em Três Gêneros*, atenta para o uso da palavra letramento e discute como o termo vai ganhando novas acepções tanto em relação às demandas sociais, políticas e econômicas, quanto aos campos de estudos. A pesquisadora afirma, por exemplo, que “estudos antropológicos e etnográficos evidenciam os diferentes usos do letramento, dependendo das crenças, valores e práticas culturais, e da história de cada grupo social” (SOARES, 2006, p. 79). Voltando um pouco para a área de

educação e das ciências linguísticas, o termo letramento surge na segunda metade da década de oitenta e, segundo a hipótese de Kleiman (*apud* SOARES, 2006, p. 15), deve-se a pesquisadora Mary Kato a cunhagem da palavra em contexto brasileiro. Etimologicamente, a palavra letramento vem do inglês *literacy*: letra – do latim *littera*, e o sufixo – mento, que significa o resultado de uma ação.

Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita. (SOARES, 2006, p. 18)

Nesta concepção, habilidades de leitura e de escrita estão intimamente ligadas às ações do “letrar”, de forma que o emprego da palavra é algo soberano nos processos de ensino-aprendizagem. No entanto, conforme mencionamos, os usos do letramento permitem também distintos encaminhamentos teóricos e metodológicos e, dependendo da área, o termo ganha novos contornos. Pesquisadores dos novos estudos de letramento, como Brian Street (2014), questionam uma visão unilateral que implicaria em aperfeiçoamento de práticas individuais de leitura e de escrita tão em voga em programas políticos de alfabetização e partem para uma abordagem mais ampla, que considera o letramento como um fenômeno social, evidenciando assim, o caráter diversificado das práticas letradas. Com o olhar aguçado no contexto social em que as propostas de letramento são desenvolvidas, Street evidencia dois modelos difundidos nas sociedades atuais: o modelo autônomo e o modelo ideológico. O primeiro possui uma perspectiva de cunho mais técnico no sentido de aprender as habilidades de leitura e de escrita para que assim os educandos fiquem aptos às exigências do mundo do trabalho. No pensamento de Street, esse modelo apresenta um problema: “há outras questões que precisam ser enfrentadas antes das questões aparentemente técnicas” (STREET, 2014, p. 43). Tais questões que precisam ser enfrentadas derivariam no caminho alternativo, que seria o

modelo ideológico – o modelo que focaliza as práticas sociais específicas de leitura e de escrita. Sendo assim, esta perspectiva alternativa,

ressalta a importância do processo de socialização na construção do significado do letramento para os participantes e, portanto, se preocupa com as instituições sociais gerais por meio das quais esse processo de dá, e não somente com as instituições “pedagógicas”. (STREET, 2014, p. 44)

Com formação em antropologia e pesquisador dos letramentos em sociedades ocidentais e orientais, Brian Street defende o modelo ideológico de letramento, mas esclarece que esta abordagem agrega as modalidades oral e letrada e a investigação das práticas letradas nesse domínio de pensamento exige uma abordagem etnográfica.

Um percurso etnográfico não estaria muito distante da proposta do Grupo de Nova Londres (GNL), ao conclamar a escola a trabalhar a diversidade cultural e a pluralidade de textos multimodais. Em seu manifesto, “A Pedagogy of Multiliteracies”, de 1996, o Grupo de Nova Londres, formado por um grupo de pesquisadores dos letramentos, reunidos em Nova Londres, em Connecticut (EUA), defendia “a necessidade de a escola tomar a seu cargo os novos letramentos emergentes na sociedade contemporânea”, sendo que nos currículos deveria constar “a grande variedade de culturas já presentes nas salas de aula” (ROJO, 2012, p. 12). A grande preocupação do grupo de pesquisadores era trazer à tona para o espaço escolar questões do contexto social, cultural e econômico vividas pelos alunos, caso contrário, a escola estaria contribuindo para o aumento da violência e intolerância dos grupos minoritários. Um novo conceito foi criado pelo grupo, os multiletramentos, que englobaria “a multiculturalidade característica das sociedades globalizadas e a multimodalidade dos textos por meio dos quais a multiculturalidade se comunica e informa”. (ROJO, 2012, p. 13)

Quando nas práticas em sala de aula, trabalhamos a diversidade dos gêneros textuais, compostos de muitas linguagens, modos ou semioses e estimulamos os alunos a pensar sobre tais produções, refletindo sobre as capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas, destacamos então um encaminhamento metodológico que implica nos multiletramentos. E, ao considerarmos os contextos sociais das práticas de uso tanto oral quanto escrito da(s) língua(gens) também estamos pensando na proposta do modelo ideológico de letramento. Desta maneira, a par de suas especificidades, tanto os letramentos sociais quanto os multiletramentos podem convergir em práticas pedagógicas muito enriquecedoras.

Mesmo com o foco no letramento literário, tendo como base a sequência básica de Rildo Cosson (2006), não desviamos a atenção dos letramentos críticos, ao selecionarmos os gêneros textuais, os temas a serem abordados, a forma como abordamos, o porquê de se trabalhar e o para quê – são propósitos que devem perpassar qualquer prática docente. Consoante com essa ideia que viabiliza uma sistematização das atividades em sala de aula, Cosson (2006, p. 47), ao tratar do ensino do texto literário, confirma que “as práticas de sala de aula precisam contemplar o processo de letramento literário e não apenas a mera leitura das obras”. Para que ocorra de fato “a experiência do literário”, o funcionamento da literatura enquanto prática e discurso, “deve ser compreendido criticamente pelo aluno”, cabendo ao professor, “fortalecer esta disposição crítica, levando seus alunos a ultrapassar o simples consumo de textos literários”. (COSSON, 2006, p. 47)

Longe da proposta de apenas formar “consumidores de textos literários”, as oficinas realizadas seguiram diferentes abordagens de letramentos, e, mesmo procurando seguir uma sistematização, ultrapassou os limites pré-estabelecidos.

### **3. *Elaboração das oficinas: escolha do tema e aplicação da sequência básica***

Este projeto compreende a experiência com oficinas de leitura, produção e interpretação de textos, oferecidas a alunos do Colégio Estadual Capitão Oswaldo Ornellas, no município de São Gonçalo (RJ). A aplicação das oficinas ocorreu em turmas do segundo segmento do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Anterior ao momento destas atividades práticas, as discussões em grupo de estudo, as leituras de obras concernentes à pesquisa, realizadas em reuniões com a professora responsável pelo projeto, foram alicerçando o nosso pensamento para a definição do tema a ser trabalhado com os alunos, para que o mesmo dialogasse com a situação atual do país, no primeiro semestre de 2016. Cogitamos isso, pois fica muito mais fácil trabalhar com alguma temática que faça parte da realidade na vida dos alunos, porque os mesmos conseguem participar ativamente das atividades propostas. Resolvemos, então, que falar sobre corrupção seria muito propício e coerente, uma vez que a consequência do agravamento do estado de corrupção estendia-se não somente ao Estado do Rio, como também ao restante do país. Estampadas diariamente em capas de jornais, na mídia eletrônica e no meio televisivo, as notícias sobre atitudes corruptas de figuras públicas ganhavam vulto por todos os lados. No entanto, refletíamos em como abordar tal assunto, pensando no público-alvo (alunos adolescentes de escola pública) e atentávamos para o cuidado em filtrar os discursos midiáticos, reparando aqui no “intuito discursivo”, tão bem discutido por Bakhtin (2000, p. 300): “em qualquer enunciado, desde a réplica cotidiana monolexêmica até as grandes obras complexas científicas ou literárias, captamos, compreendemos, sentimos o intuito discursivo, ou o querer-dizer do locutor...” Nesse sentido, a teoria bakhtiniana serviu de apoio para assim discutirmos a intenção dos discursos veiculados pelos meios de massa e, perceber como o discurso linguístico carrega em si posições ideológicas, em sua natureza dialógica.

Uma das discussões consistia em perceber a corrupção como um elemento estrutural da sociedade brasileira, presente em ações corriqueiras, muitas vezes amalgamadas com o famoso “jeitinho brasileiro”. Ou seja, nas atividades cotidianas, destacamos algumas para o debate: o cidadão brasileiro que corrompe o guarda para não pagar multa de trânsito motivada por alguma infração; aquele que fura a fila da merenda, ou no banco; a própria “cola” na escola, dentre outros tantos exemplos confirmam atos corruptos.

Assim, mediante essas questões analisadas pelo grupo e após decidir o tema, selecionamos textos e materiais que pudessem auxiliar na preparação de estratégias com o intuito de chamar a atenção dos alunos, de forma que o estudo ficasse atrativo para os discentes.

Nossas oficinas foram fundamentadas no livro *Letramento Literário: Teoria e Prática*, de Rildo Cosson (2006). Escolhemos trabalhar com a sistematização de sequências de atividades de aulas de literatura, um exemplo que Cosson nos traz para que sejam estruturadas novas abordagens para o ensino de literatura nas escolas. Seguindo os princípios teóricos e metodológicos propostos pelo autor, reconhecemos que a sequência básica seria a ideal para o momento, pois se adequava mais ao tempo disponível com os alunos. Dessa forma, o texto trabalhado com as turmas foi “Só de sacanagem”, de Elisa Lucinda. Baseado nisto, intitulamos a atividade de “Oficina de leitura – diálogos com Elisa Lucinda”. Foram duas aplicações, uma no dia 06/07/2016 para a turma 1001 (primeiro ano do ensino médio) e a outra no dia 29/07/2016 para a turma 801 (oitavo ano, do ensino fundamental). Na primeira, tivemos 50 minutos com a turma e na segunda, 1h40min. (Ver Anexo1 e 2: Aplicação das oficinas). Seguimos a divisão proposta por Cosson (2006): motivação, introdução, leitura e interpretação. A seguir explicaremos as etapas e como fizemos para desenvolvê-las na escola.

A *motivação* é o momento de preparação para entrar no texto. O bom desenvolvimento da sequência depende desse momento, pois é a antecipação da leitura, é o contato com a atmosfera que envolve o livro. Devemos ter em mente que a motivação não tem o papel de limitar os sentidos do texto, mas ela vem para estimular as leituras possíveis. Seguindo esse raciocínio, como atividade para essa etapa, separamos notícias de jornais que informassem sobre a situação atual do país, gerando discussões positivas em sala de aula. Acreditamos que, dessa forma, os alunos puderam ter o primeiro contato com tema que seria abordado.

A segunda etapa dessa sequência é a *introdução*, que é o momento de apresentação do autor e da obra. Essa fase passa por alguns problemas, pois grande parte dos professores costuma trazer a obra e fazer um “resumo” da vida do autor, esquecendo-se que realizar uma conversa sobre o livro escolhido e entender a importância dele é de extrema relevância para dar continuidade ao processo. Diante desse pensamento, introduzimos o texto a ser trabalhado falando sobre a autora e suas influências para a sociedade. Notamos que falar sobre a autora, trazer fotos e mencionar outros trabalhos que ela tenha feito, fez uma grande diferença porque deixou os discentes mais contextualizados com esta etapa.

Assim, quando entramos na terceira etapa que é a *leitura*, eles já sabiam do engajamento que o texto trazia. É importante que deixemos bem claro o papel fundamental do professor nessa etapa, pois ele deve acompanhar todo esse processo para ajudar a tirar possíveis dúvidas, para equilibrar o ritmo da leitura e para fazer intervalos, trazendo textos menores que dialoguem com o assunto abordado ou até mesmo utilizar outras mídias. Dessa maneira, logo após realizarmos a leitura com a turma, apresentamos um áudio em que o texto é interpretado pela cantora Ana Carolina. O resultado foi satisfatório, pois os



alunos começaram a conversar e debater sobre o texto, gerando a discussão que esperávamos.

Após esse momento, entramos na quarta e última parte da sequência básica, a *interpretação*.

Essa etapa se dá em dois momentos: um interior e outro exterior. O interior é aquele que acompanha a decifração e tem seu auge na compreensão geral, é o momento do leitor com a obra e não pode ser substituído por resumos ou filmes. Juntamente a este momento, temos o outro momento que é o exterior, em que acontece a concretização, é aqui que o letramento literário se diferencia da leitura literária. Essa interpretação tem como princípio o registro do que foi lido. Não há restrição nem modelos para esses registros, eles devem ser elaborados de acordo com os aspectos que envolvem a turma. Posto isto, pedimos para que os alunos expressassem suas reflexões através de algum tipo de trabalho, podendo este ser uma música, um poema ou até mesmo um desenho, ficou a escolha do aluno. Achamos interessante fazer desta forma, pois eles se sentiram livres para trabalhar da forma que fosse confortável. Demos uns minutos e recolhemos os trabalhos, queríamos ter tido mais tempo para conversar sobre o que eles tinham desenvolvido, mas já estava na hora de entregar a turma para a professora. Em vista disso, nos despedimos da turma e agradecemos por todo carinho e atenção deles.

Esta sequência foi aplicada na primeira turma (1001), pois tínhamos pouco tempo, no entanto para a segunda (801), fizemos algumas modificações e adaptações. Por exemplo: Como tínhamos mais liberdade com a questão do tempo, colocamos outras possibilidades semióticas para que os alunos pudessem interpretar e fazer relação com o texto. Nesse sentido, consideramos o estudo de Ivanda Martins (2006), ao abordar a noção de intersemiose no ensino do texto literário, visando ao “diálogo entre literatura e outras artes (pintura, música, fotografia etc.), reconhecendo a diversidade de linguagens e códigos

gos” (MARTINS, 2006, p. 88). Levamos tirinha, quadrinhos, charge, vídeo e finalizamos cantando uma música com a turma. Este momento foi muito tocante para nós, pois pudemos sentir a importância que tivemos na vida dos alunos e o quanto foi satisfatório pensar em algo com que os alunos estivessem envolvidos diretamente.

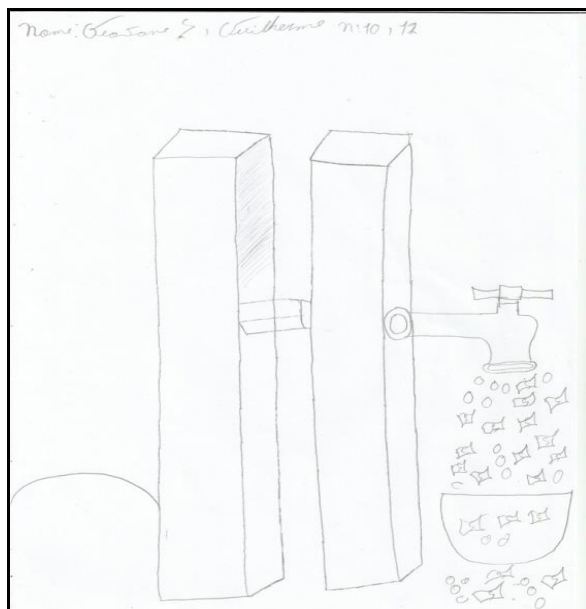
Ficamos surpresas com a recepção calorosa dos alunos para conosco. Eles nos respeitaram e participaram ativamente das atividades propostas, tanto com ideias quanto como opiniões e relatos pessoais. Fomos surpreendidas com um “voltem logo”, após finalizar os projetos com as turmas. Isso foi muito gratificante.

Esse momento foi essencial para a nossa formação, pois queríamos ver na prática tudo aquilo que debatíamos na teoria. Essa oficina foi uma surpresa gratificante, porque nos deixamos ser afetados por tudo que permeava o momento. Durante a etapa de preparação, em que lemos muitos teóricos e trocamos experiências, pudemos perceber muitas indagações que convergiam sempre para uma mesma pergunta: “Como vamos fazer isso na prática?” Sabemos que o dia a dia das escolas é corrido e que, muitas vezes, os professores encontram dificuldades para terminar a matéria, mas mesmo assim há o desejo de encontrar maneiras de inovar, de propor algo diferente. Às vezes, somos pegos pelo medo da rejeição e também pelas barreiras que muitas escolas colocam, mas isso tudo serve para que possamos nos empenhar cada vez mais. Estávamos em um momento difícil para a educação e esse talvez seja o motivo do sucesso da oficina. Estávamos colocando um tema sobre o qual os alunos podiam opinar, eles vivenciam a situação, eles estão afetados e, como nós, querem uma solução. Todas as atividades foram previamente discutidas, embasadas teoricamente e a preocupação em selecionar os gêneros textuais foi recorrente, “é de extrema importância um enfoque cuidadoso da nossa prática docente, um estudo que considere o porquê, co-

mo e para que trabalhar com os gêneros textuais em sala de aula” (PEREIRA, 2011, p. 50). O resultado produtivo das oficinas se deve também a esse cuidado na elaboração, o ouvir os alunos, emitindo os seus comentários e o fazer parte do esclarecimento de dúvidas foi uma vitória para todas nós.

#### **4. A produção: leituras e reflexão dos alunos**

As seguintes produções textuais foram selecionadas para trazer uma pequena demonstração dos resultados obtidos nas oficinas. Na **Fig. 1**, temos uma representação do Palácio do Planalto, em Brasília. A charge destaca o local, símbolo também de corrupção da nossa classe política. Na imagem, os alunos fazem uma crítica à quantidade de dinheiro que é “jogado fora” pelos governantes.



**Fig. 1 – Representação do Palácio do Planalto.**

Já na **Fig. 2**, temos um texto no qual as alunas escreveram sobre o que entenderam da oficina e aproveitaram para expor suas considerações a respeito da desvalorização da educação no cenário atual e propor uma reflexão sobre a esperança de dias melhores.

Aluna: Bruna Lúcia, Estácio de Sá nº 2.8.

O texto é de escanagem e sobre a corrupção no nosso país, mas de um olhar de quem ainda tem esperança. Ela fala sobre o dinheiro roubado e como começa a corrupção começa, o texto fala sobre a impunidade e privilégios que bandidos tem. Mesmo depois de 11 anos que o texto foi escrito ainda continua a mesma situação ou talvez pior. Com as olimpíadas o estado se afunda numa crise que não parece ter fim. A educação, a segurança, a saúde e tantos outros serviços públicos estão em situações ruins. Mas como há 11 anos atrás ainda tem gente honesta e sincera que tem esperança.

Fig. 2: Observações da aluna sobre o tema abordado na oficina.

Com a turma 801, não foi muito diferente, muitos alunos fizeram suas atividades focando na corrupção e na busca por esperanças. Na **Fig. 3**, vemos a utilização de quadrinhos, em que as alunas realizaram uma análise sobre os recursos em que se encontram a maior quantidade de dinheiro no país: a corrupção, percebida aqui como uma grande engrenagem. É interessante ressaltar como o interlocutor participa, de forma responsiva, da conversa televisiva, emitindo opiniões e, no caso específico, aponta soluções para o problema da falta de recursos em determinadas áreas.

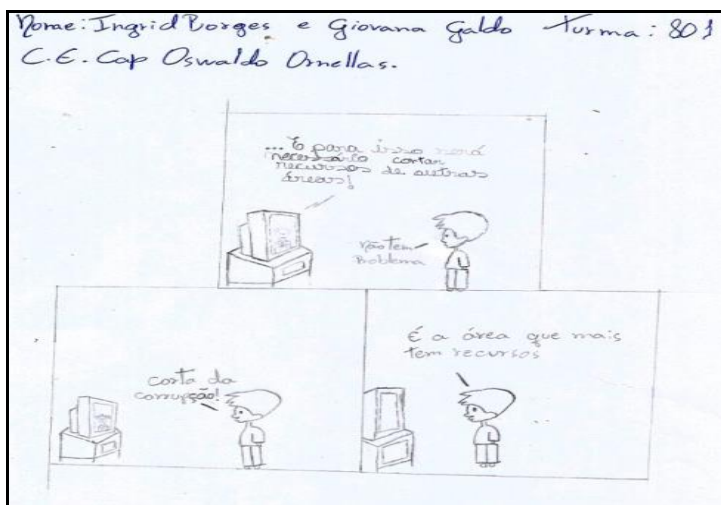


Fig. 3: Tirinha produzida pelas alunas do oitavo ano.

Na **Fig. 4**, as alunas resolveram falar sobre a corrupção cotidiana. Elas levantaram questões que havíamos debatido em sala, sobre nossos atos corruptos que acabamos deixando passar por achar que são coisas pequenas.

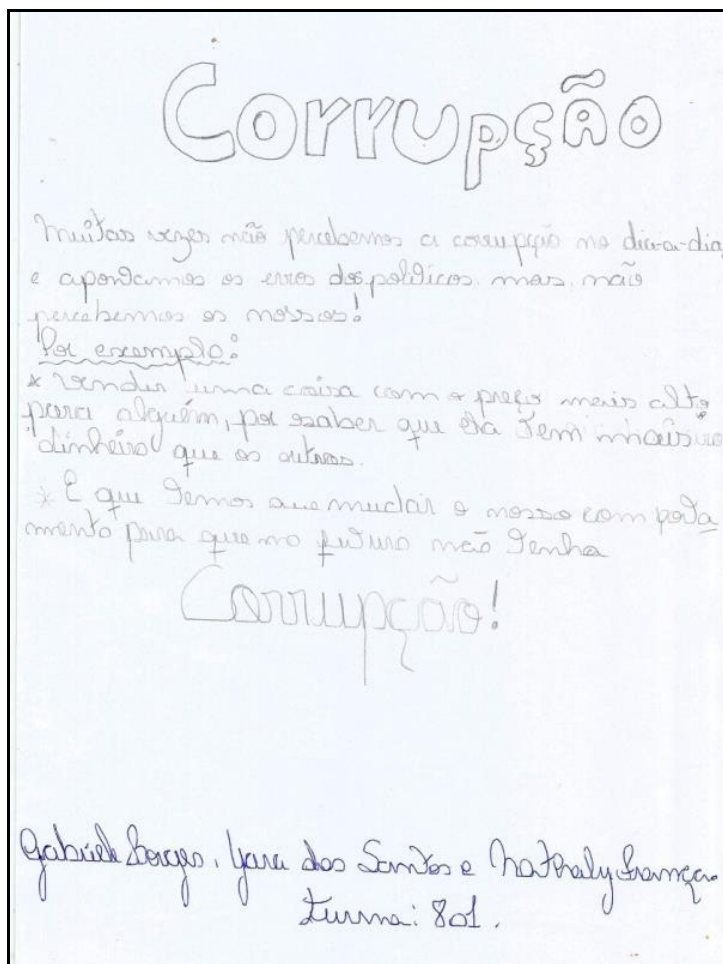


Fig. 4: Reflexão de alguns alunos sobre o tema abordado após a oficina

Mediante os trabalhos feitos pelos alunos, percebemos que nossa proposta foi bem compreendida e ficamos contentes com os resultados. Queríamos que os alunos pudessem analisar que a corrupção não acontece somente nas grandes organizações, mas, muitas vezes, nós mesmos acabamos contribuindo para que o estado de corrupção permaneça em atitudes do

cotidiano. Para que tal estado não vigore, é salutar compreender a engrenagem estrutural desse processo e o melhor caminho para resolver essa situação é examinar e modificar nossas atitudes.

### **5. Considerações finais**

A instituição escolar como uma das agências de letramento não deveria se furtar de propor atividades que agreguem tanto os letramentos que os alunos trazem e que fazem parte do cotidiano de suas relações sociais, quanto os letramentos múltiplos, cada vez mais presentes na sociedade contemporânea. Para tanto, é necessário dar voz ao aluno, conhecer os sujeitos, os afetos e os gostos e procurar fazer o caminho do outro para que assim possa emergir práticas em sala de aula, propiciadoras de espaços em formação de criticidade, subjetividades e protagonismos.

Em se tratando das pesquisas sobre letramento(s), consideramos que elas auxiliam o docente a pensar em diferentes encaminhamentos teórico-metodológicos. Como vimos ao longo das nossas atividades, algumas teorizações possuem suas particularidades, mas isso não impede que as mesmas encontrem pontos de interseção, o que acaba promovendo a ampliação e a riqueza de atividades no processo ensino-aprendizagem.

As especificidades de sistematização de propostas de atividades, focadas no letramento literário, podem abarcar, por exemplo, os letramentos múltiplos e críticos; tudo dependerá da forma como os pontos se entrelaçam na rede de sentidos e significados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

MARTINS, Ivanda. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor? In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (Orgs.). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola, 2006.

PEREIRA, Maria Betânia Almeida. Gêneros textuais na prática docente. *Linguagem em (Re)vista*, Niterói, ano 06, nº 11/12, 2011.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 11. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

STREET, Brian. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.



## ANEXOS

### Gêneros textuais utilizados

#### 1 – NOTÍCIA

Fundado em 1891

# JORNAL DO BRASIL

O primeiro jornal 100% digital do país

Sábado, 4 de março de 2017

## País

-

## Opinião

---

06/07/2016 às 06h57 - Atualizada em 06/07/2016 às 10h45

### Rio: bilhões em obras e um colapso olímpico

Cifras astronômicas de um lado, falta de serviços básicos para o povo do outro

---

*Jornal do Brasil*

O gráfico que mostra a proporção dos gastos nas obras para a Olimpíada revela também o quanto o país perdeu com a Copa do Mundo.

De acordo com os números levantados pela *Folha de S. Paulo*, o gasto total é de R\$ 39,1 bilhões, sendo 56,9% de verba privada e 43,1% de verba pública.

Se o superfaturamento foi igual ou proporcional aos que os empreiteiros fizeram na Petrobras - até

porque a CPI da Olimpíada não consegue ser aprovada na Câmara de Vereadores do Rio, o que faz com que a opinião pública tenha dúvida sobre a dignidade dela -, o tamanho do rombo pode ser ainda maior.

Vale lembrar, por exemplo, que o campo de golfe olímpico foi construído no terreno particular, ao custo de R\$ 60 milhões, e o dono da área ainda obteve em troca o direito de erguer em seus arredores 22 edificações de luxo, cada uma com 22 andares, em uma área construída de 600 mil metros quadrados.



Gastos com Olimpíada do Rio chegam a R\$ 39,1 bilhões

8,4 bilhões -, do VLT - de eficiência questionada e custo de R\$ 1,1 bilhão-, e sem falar nas suspeitas com relação às milionárias concorrências.

Tudo isso sem contar com as obras do polêmico velódromo - ainda inacabado a um mês dos Jogos, e com custo de R\$ 150 milhões -, do Parque Olímpico Maria Lenk - cuja reforma custou R\$ 21,4 milhões -, da Ciclovia Tim Maia - que custou R\$ 44 milhões e teve trecho derrubado por uma onda três meses após a inauguração, deixando dois mortos -, das obras do metrô - cujo custo passou de R\$ 392 milhões para R\$

Toda esta verba de cifras bilionárias, aplicada em obras olímpicas, poderia ser revertida para mais remédios nos hospitais, salário melhor para os professores - que hoje vivem à míngua - mais segurança e transporte decente para os cidadãos. Mas o que se vê é o Estado em colapso, o povo sem os serviços básicos, e uma falta de perspectivas verdadeiramente olímpica.

**Disponível em: <<http://www.ib.com.br/opiniao/noticias/2016/07/05/rio-bilhoes-em-obras-e-um-colapso-olimpico>>. Acesso em: 05/07/ 2016.**

## 2 – Poema “Só de sacanagem”, de Elisa Lucinda

Meu coração está aos pulos!

Quantas vezes minha esperança será posta à prova?

Por quantas provas terá ela que passar? Tudo isso que está aí no ar, malas, cuecas que voam entupidas de dinheiro, do meu, do nosso dinheiro que reservamos duramente para educar os meninos mais pobres que nós, para cuidar gratuitamente da saúde deles e dos seus pais, esse dinheiro viaja na bagagem da impunidade e eu não posso mais.

Quantas vezes, meu amigo, meu rapaz, minha confiança vai ser posta à prova?

Quantas vezes minha esperança vai esperar no cais?

É certo que tempos difíceis existem para aperfeiçoar o aprendiz, mas não é certo que a mentira dos maus brasileiros venha quebrar no nosso nariz.

Meu coração está no escuro, a luz é simples, regada ao conselho simples de meu pai, minha mãe, minha avó e os justos que os precederam: "Não roubarás", "Devolva o lápis do coleguinha", "Esse apontador não é seu, minha filha". Ao invés disso, tanta coisa nojenta e torpe tenho tido que escutar.

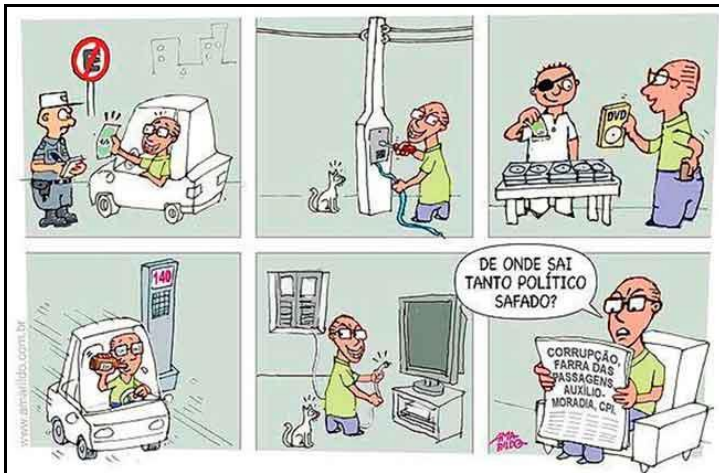
Até habeas corpus preventivo, coisa da qual nunca tinha visto falar e sobre a qual minha pobre lógica ainda insiste: esse é o tipo de benefício que só ao culpado interessará. Pois bem, se mexeram comigo, com a velha e fiel fé do meu povo sofrido, então agora eu vou sacanear: mais honesta ainda vou ficar.

Só de sacanagem! Dirão: "Deixa de ser boba, desde Cabral que aqui todo mundo rouba" e vou dizer: "Não importa, será esse o meu carnaval, vou confiar mais e outra vez. Eu, meu irmão, meu filho e meus amigos, vamos pagar limpo a quem a gente deve e receber limpo do nosso freguês. Com o tempo a gente consegue ser livre, ético e o escambau".

Dirão: "É inútil, todo o mundo aqui é corrupto, desde o primeiro homem que veio de Portugal". Eu direi: Não admito, minha esperança é imortal. Eu repito, ouviram? Imortal! Sei que não dá para mudar o começo mas, se a gente quiser, vai dar para mudar o final!

(Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/elisa-lucinda/so-de-sacanagem.html>. Acesso em: 05/06/2016)

3 – História em quadrinhos



Disponível em: <<http://1.bp.blogspot.com/-lJudvGJ-fM4/UXh-MY8BULI/AAAAAAAAAX4/cjdgRSDmWWs/s1600/gatuno+politico+safado.jpg>>. Acesso em: 05/07/2016.